



PAISAGEM CULTURAL E INDUSTRIALIZAÇÃO: O CASO DO BAIRRO SAIC EM CHAPECÓ, SANTA CATARINA

CULTURAL LANDSCAPE AND INDUSTRIALIZATION: THE CASE OF THE SAIC NEIGHBORHOOD IN CHAPECÓ, SANTA CATARINA

PAISAJE CULTURAL E INDUSTRIALIZACIÓN: EL CASO DEL BARRIO SAIC EN CHAPECÓ, SANTA CATARINA

Luciano Adilio Alves¹ 
Jaisson Teixeira Lino² 

Submissão: 23/05/2023 / Aceito: 12/06/2025

RESUMO

Resumo: Este artigo explora a interseção entre patrimônio cultural, paisagem cultural e industrialização, com foco na cidade de Chapecó. Destaca-se como a cidade evoluiu de um polo regional para uma cidade média, refletindo um complexo vínculo entre desenvolvimento industrial e transformação da paisagem. O estudo concentra-se no Bairro Saic, onde a instalação de um frigorífico moldou profundamente a economia local, o tecido social e a configuração urbana. O patrimônio industrial é analisado não apenas como estruturas físicas, mas como parte do cotidiano e do legado cultural das comunidades envolvidas. A pesquisa utilizou uma metodologia abrangente que incluiu discussão teórica, análise iconográfica e visitas de campo, proporcionando uma compreensão detalhada das mudanças na paisagem urbana e socioeconômica. As descobertas

¹Doutorando em Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS. Técnico na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, Santa Catarina. Brasil. E-mail: luciano.alves@uffs.edu.br | Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-6720-3405>

²Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS. Pós-doutor em Arqueologia - Universidade de Amsterdã. Bolsista Produtividade (Pq) do CNPq (Processo n. 310650/2022-4). Chapecó, Santa Catarina. Brasil. E-mail: lino@uffs.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5582-526X>.



ressaltam a importância de políticas de conservação que valorizem o patrimônio industrial, assegurando a preservação de memórias coletivas e identidades culturais. Chapecó exemplifica como a industrialização pode se harmonizar com a preservação cultural, contribuindo para um desenvolvimento urbano sustentável e inclusivo, apesar dos desafios, como a gestão dos recursos naturais e a manutenção das identidades culturais locais.

Palavras-chave: Paisagem Cultural; Agroindústrias; Patrimônio Industrial; Chapecó.

Abstract: This article explores the intersection between cultural heritage, cultural landscape, and industrialization, focusing on the city of Chapecó. It highlights how the city evolved from a regional hub to a medium-sized city, reflecting a complex link between industrial development and landscape transformation. The study concentrates on the Saic neighborhood, where the installation of slaughterhouses profoundly shaped the local economy, social fabric, and urban configuration. Industrial heritage is analyzed not only as physical structures but as part of the everyday life and cultural legacy of the involved communities. The research employed a comprehensive methodology that included theoretical discussion, iconographic analysis, and field visits, providing a detailed understanding of changes in the urban and socioeconomic landscape. The findings emphasize the importance of conservation policies that value industrial heritage, ensuring the preservation of collective memories and cultural identities. Chapecó exemplifies how industrialization can harmonize with cultural preservation, contributing to sustainable and inclusive urban development, despite challenges such as natural resource management and maintaining local cultural identities.

Keywords: Cultural Landscape; Agribusiness; Industrial Heritage; Chapecó City.

Resumen: Este artículo explora la intersección entre patrimonio cultural, paisaje cultural e industrialización, centrándose en la ciudad de Chapecó. Destaca cómo la ciudad evolucionó de un centro regional a una ciudad de tamaño mediano, lo que refleja un vínculo complejo entre el desarrollo industrial y la transformación del paisaje. El estudio se concentra en el barrio de Saic, donde la instalación de mataderos moldeó profundamente la economía local, el tejido social y la configuración urbana. El patrimonio industrial se analiza no sólo como estructuras físicas sino como parte de la vida cotidiana y el legado cultural de las comunidades involucradas. La investigación empleó una metodología integral que incluyó discusión teórica, análisis iconográfico y visitas de campo, proporcionando una comprensión detallada de los cambios en el paisaje urbano y socioeconómico. Los hallazgos enfatizan la importancia de políticas de conservación que valoren el patrimonio industrial, asegurando la preservación de las memorias colectivas y las identidades

culturales. Chapecó ejemplifica cómo la industrialización puede armonizar con la preservación cultural, contribuyendo al desarrollo urbano sostenible e inclusivo, a pesar de desafíos como la gestión de los recursos naturales y el mantenimiento de las identidades culturales locales.

Palabras clave: Paisaje Cultural; agronegocios; Patrimonio Industrial; Ciudad de Chapecó.

Introdução.

O patrimônio cultural e a paisagem cultural têm se destacado nos debates sobre preservação e valorização da diversidade, uma vez que englobam elementos que carregam a história, as tradições e as identidades de um povo, refletindo a interação entre a natureza e a cultura humana ao longo do tempo. Nos últimos anos, o conceito de patrimônio expandiu-se para incluir bens materiais, como edifícios e obras de arte, e imateriais, como crenças e tradições, abrangendo tanto aspectos individuais quanto coletivos.

A paisagem cultural, definida pelas transformações humanas sobre o espaço natural, é vista como um documento que expressa a relação do homem com seu meio ao longo do tempo. Ela não apenas testemunha a história dos grupos humanos que ocuparam um espaço, mas também serve como base material para a produção de simbologias culturais. Assim, a paisagem cultural é o cenário onde o patrimônio cultural se manifesta, com elementos como edifícios históricos e práticas tradicionais contribuindo para sua identidade.

O patrimônio industrial, embora reconhecido tardiamente, também se tornou um componente essencial da história cultural. Ele vai além das estruturas e máquinas antigas, incorporando o cotidiano das pessoas comuns e refletindo o tipo de industrialização e o modo de vida das classes trabalhadoras. Fábricas, ferramentas e edifícios industriais são valiosos não apenas para engenheiros e arquitetos, mas também para historiadores e sociólogos, pois oferecem insights sobre as transformações sociais e econômicas de uma sociedade.

Chapecó exemplifica essa interação entre patrimônio e paisagem cultural industrial. A cidade, que evoluiu de um polo regional para uma cidade média, destaca-se por sua trajetória de colonização e desenvolvimento industrial, especialmente no Bairro Saic, onde a instalação de um frigorífico transformou a paisagem urbana e socioeconômica. Neste artigo, a metodologia adotada combina discussão teórica e bibliográfica, análise de fontes iconográficas, como fotografias, e visitas de campo realizadas pelos autores. Essas abordagens permitem reflexões sobre as mudanças ocorridas na paisagem do Bairro Saic, evidenciando a complexidade histórica e cultural da região.

Reflexões conceituais sobre patrimônio e paisagens cultural, industrial e urbana.

O patrimônio cultural e a paisagem cultural possuem conceitos interligados que ganharam destaque nos debates sobre preservação e valorização da diversidade, pois se referem a elementos que carregam parte da história, das tradições e das identidades de um povo. Enfim, refletem a interação entre a natureza e a cultura humana ao longo do tempo. Diferentes conceitos sobre patrimônio emergiram no meio acadêmico em todo o mundo nas últimas décadas. Um dos mais difundidos envolve os bens materiais e é definido assim:

Patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que se referia, entre os antigos romanos, a tudo o que pertencia ao pai, *pater* ou *pater famílias*, pai de família. A semelhança dos termos – *pater*, *patrimonium*, *família* – porém, esconde diferenças profundas nos significados, já que a sociedade romana era diversa da nossa. A família compreendia tudo o que estava sob o domínio do senhor, inclusive a mulher e os filhos, mas também os escravos, os bens móveis e imóveis, até mesmo os animais. Isso tudo era o *patrimonium*, tudo o que podia ser legado por testamento, sem exceção, portanto, das próprias pessoas (Funari e Pelegrini, 2009, p.10-11).

O patrimônio nos remete a pelo menos duas ideias: a individual e a coletiva. A individual engloba os bens materiais, móveis e imóveis (repassados em herança de pai para filho, por exemplo) e os bens imateriais, como as crenças, as danças, as receitas de alimentos, o estilo de vida como um todo. Já os bens coletivos se referem aos patrimônios históricos e culturais de um determinado grupo social (Funari; Pelegrini, 2009). Para Mendes (2012, p.13), é possível “afirmar que todos somos herdeiros e que o patrimônio cultural é a nossa herança cultural”.

Com conceitos polissêmicos, a paisagem natural e a paisagem cultural também passaram a ser objetos de estudos interdisciplinares em todo o mundo. Grosso modo, para algumas áreas acadêmicas, a paisagem natural pode ser conceituada como aquela original. Por outro lado, a melhor definição para a paisagem cultural seria aquela que sofreu qualquer tipo de transformação por mãos humanas (Ribeiro, 2009). Ao tratar especificamente do conceito de paisagem cultural, Rafael Winter Ribeiro aponta uma corrente acadêmica que a conceitua como:

“[...] fruto do agenciamento do homem sobre o seu espaço. No entanto, ela pode ser vista de diferentes maneiras. A paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com o seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A paisagem pode ser lida como um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço. Pode ser lida, também, como um produto da sociedade que a produziu ou ainda como a base material para a produção de diferentes

simbologias, locus de interação entre a materialidade e as representações simbólicas [...]” (Ribeiro, 2009, p.9).

Certas áreas da paisagem, definidas de forma precisa, são compostas por uma mistura de elementos naturais e intervenções humanas. Elas narram a história do desenvolvimento da sociedade, mostrando como os seres humanos se estabeleceram e evoluíram ao longo do tempo e do espaço. Esses locais ganharam importância social e culturalmente em diversos níveis, devido à existência de vestígios físicos que revelam os usos e atividades de tempos passados, experiências ou tradições únicas, representações em literatura ou arte, ou ainda por terem sido palco de eventos históricos significativos.

Assim, pode-se depreender que a paisagem cultural é o local onde o patrimônio cultural se manifesta e ganha significado. Os elementos do patrimônio cultural, como edifícios históricos, sítios arqueológicos, práticas tradicionais, fazem parte da paisagem e contribuem para sua identidade. Por outro lado, a paisagem cultural oferece o contexto para a compreensão e valorização do patrimônio cultural.

As características da paisagem cultural incluem o dinamismo (está em constante transformação, sendo influenciada por fatores sociais, econômicos e ambientais); a complexidade (composta por elementos naturais e culturais, que se inter-relacionam de forma complexa); e a identidade (expressa a identidade cultural de uma comunidade). A UNESCO, em 1992, reconheceu a importância da paisagem cultural ao incluí-la como categoria para inscrição de bens na Lista do Patrimônio Mundial.

Como exemplos de paisagem cultural, podemos citar as cidades históricas (centros urbanos que preservam suas características originais, como ruas, praças, edifícios e traçados urbanos), áreas rurais (paisagens agrícolas, florestais e pastoris, que refletem as práticas tradicionais de uso da terra) e os sítios arqueológicos (espaços que preservam vestígios de ocupações humanas do passado). Já os exemplos de patrimônio cultural incluem os bens materiais (como edifícios históricos, sítios arqueológicos, obras de arte, objetos artesanais) e os bens imateriais (saberes tradicionais, festas populares, músicas, danças, línguas, costumes e crenças).

Fábricas inteiras, diversas estruturas, espaços arquitetônicos outrora ocupados e utilizados para atividades empresariais de quaisquer segmentos econômicos, mas que continuam fazendo parte da paisagem de um determinado local, apesar da ação do tempo. Essa é uma forma simples para tentar conceituar o chamado patrimônio industrial, conforme veremos a seguir. A aceitação e a incorporação do patrimônio industrial como componente de importância histórica ocorreram de forma relativamente tardia. Apenas em 1964, na publicação da chamada Carta de Veneza, o Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS) reconheceu que a conservação e restauração de monumentos, conjuntos urbanos e obras com significado cultural e histórico também são aplicáveis ao patrimônio industrial edificado (Vichniewski, 2004). Assim,

[...] Pode-se dizer que esta visão é reforçada por Oliveira (2011), quando o autor cita que arquitetura e os espaços urbanos desempenham um papel fundamental na formação de nossas lembranças e têm a capacidade de evocar narrativas simbólicas que se entrelaçam com nossas vidas. Além disso, Villani, Nogueira e Oliveira (2013, p. 1) contribuem para essa compreensão ao afirmar que esses espaços edificados “representam a materialização da cultura da cidade, além de trazer em suas características e no estilo arquitetônico a história das pessoas, em um determinado momento [...]”. Esta perspectiva da influência do ambiente urbano na formação de memórias e identidade pode ser entendida como uma base para a valorização do patrimônio industrial, pois seguindo a temática abordada na Carta de Nizhny Tagil (2003), este patrimônio representa o testemunho de atividades que tiveram e que ainda têm profundas consequências históricas, possuindo um valor social como parte do registro de vida de uma população, conferindo-lhes um importante senso de identidade. Ao considerar a cidade como a expressão material do sistema capitalista e do processo de industrialização, conforme discutido por Campos (2017), percebe-se que o patrimônio industrial é uma manifestação tangível desse desenvolvimento, fazendo parte da reprodução do modo de vida da sociedade. (Ceolin *et al.*, 2024, p.247-248).

Mesquita e Pierotte (2018) escrevem que os patrimônios industriais são importantes para a sociedade atual compreender as transformações sociais, ambientais e econômicas, pois o patrimônio industrial vai além de grandes estruturas e máquinas antigas; ele incorpora a vida cotidiana de pessoas comuns, refletindo o valor identitário e cultural de uma época. Compreender esse patrimônio permite explorar o tipo de industrialização e o estilo de vida dos trabalhadores daquela era. As fábricas, ferramentas e edifícios históricos são valiosos não apenas para profissionais da arquitetura e engenharia, mas também para historiadores, sociólogos e arqueólogos. Esses elementos materiais oferecem *insights* sobre as transformações sociais e como elas ocorreram, tornando-se essenciais para entender o desenvolvimento societal.

O Bairro e Frigorífico Saic e a transformação da paisagem urbana industrial de Chapecó.

Chapecó, ao longo de sua história, evoluiu de um simples polo regional para uma cidade média que reflete uma paisagem cultural industrial. A cidade não só desempenhou um papel crucial no processo de colonização e desenvolvimento do Oeste Catarinense, mas também se destacou como um centro onde a industrialização moldou significativamente a paisagem urbana e socioeconômica (Gretzler, 2011).

A colonização do Oeste de Santa Catarina intensificou-se nas duas primeiras décadas do século XX. Famílias de descendentes de europeus, em sua maioria italianos, alemães e poloneses, estavam no Rio Grande do Sul e foram atraídas pela oferta de terras agricultáveis a preços módicos. O próprio governo catarinense incentivou a vinda de colonos para ocupar o espaço considerado um vazio demográfico, apesar do povoamento ancestral expressivo de indígenas e caboclos (Radin, 2019). Esse movimento migratório foi acompanhado por um processo de urbanização que, como analisa Villela (2006), foi impulsionado pela necessidade de consolidar a ocupação territorial com a criação de núcleos urbanos que facilitassem a organização econômica e social da região. Para se estabelecer, essas famílias contribuíram para a derrubada da mata nativa. As florestas deram lugar a estradas, casas, pocilgas, estrebarias e diversas lavouras. Inicialmente, essas plantações tinham como finalidade única a subsistência do grupo familiar. A dieta alimentar das famílias de descendência italiana baseava-se na experiência adquirida anteriormente na Europa. Pode-se afirmar, assim, que a herança cultural desses migrantes manifestou-se até mesmo na gastronomia:

O costume trazido de seu país de origem de preparar embutidos teve um papel importante na culinária italiana, visto a maior durabilidade em comparação ao consumo da carne in natura. Quando carneavam porcos, produziam salame, copa e torresmo; quase tudo era aproveitado, até mesmo os miolos eram cozidos na frigideira com banha, temperados com sal e pimenta ou fritos. A banha era obtida pela fritura de pedaços de carne, rendendo-lhes inúmeras latas, sendo possível, algumas vezes, até comercializar o excedente. Usavam banha em todos os preparos, e também a manteiga. Frituras eram muito apreciadas nas refeições e nos lanches, como grostolli, uma massa doce que proporcionava alegria ao consumidor, sendo uma forma de premiar o trabalho ao final do dia (Picolli, 2011, apud Tonezer et al., 2018, p.3).

Com o tempo, esses novos moradores acumularam capital por meio da extração e venda de madeira e da comercialização dos excedentes de produção agrícola e pecuária, o que possibilitou o investimento em diversos empreendimentos, muitos deles ligados ao segmento alimentício. Assim, surgiram as primeiras fábricas de banha que, mais tarde, se tornaram pequenos frigoríficos atuando no abate e processamento de carne e derivados de suínos (Alves, 2021).

Segundo Besen et al. (2021, p. 41), a presença de agroindústrias em cada município pode ser explicada por diversos fatores. Isso inclui o papel das políticas públicas que incentivam a criação e o desenvolvimento dessas indústrias, o interesse dos donos dos negócios agrícolas, a capacidade e a iniciativa de produzir algo inovador ou de qualidade, e a realização de estudos de mercado para garantir que os produtos tenham um destino competitivo e viável. Além disso, é importante garantir que as instalações, máquinas, tecnologias e métodos de produção estejam em conformidade com as exigências legais, entre outros aspectos.

A partir da década de 1930, a região passou a se destacar na transformação de suínos e aves, consolidando-se como líder na produção de carne no país. Esse desenvolvimento foi impulsionado pela interação entre diversos atores, incluindo o setor público, bancos e empresas fornecedoras de bens e serviços para o agronegócio, além dos próprios produtores rurais. Essa colaboração entre setores criou um ambiente propício para a inovação e a expansão industrial, refletindo-se na paisagem cultural da região (Kusbick e Tartas, 2015). O frigorífico Diadema surgiu em Xaxim no final dos anos 1930, como documentam Nascimento e Pegoraro (2019), sendo um marco no desenvolvimento econômico local. Já nos anos 1940, surgiram a Perdigão (Videira), a Comércio e Indústria Saulle Pagnoncelli (Herval do Oeste) e a Sadia (Concórdia). Em 1952, em Chapecó, surgiu a Sociedade Anônima Indústria e Comércio Chapecó (Saic) e, em 1956, o Frigorífico Seara (Seara). Em 1962, o Frigorífico Itapiranga foi criado no Extremo-Oeste e, em 1969, foi fundada a Cooperativa Central Oeste Catarinense, com sede em Chapecó (Corazza, 2016).



Figura 1: Prédio da Saic no ano de 1957
Fonte: Zolet (2012).

A instalação de grandes frigoríficos, como a Sociedade Anônima Indústria e Comércio Chapecó (Saic), além de outras empresas como Sadia e Aurora, consolidou Chapecó como um centro de produção e exportação de carnes, integrando o município a uma rede de mercados nacionais e internacionais (Alba, 2001). Essas empresas não só transformaram a economia local, mas também influenciaram a transformação da paisagem urbana, com a criação de empregos e o desenvolvimento de novos bairros, como o Bairro Saic, que se formou em torno das instalações industriais da Saic. A estrutura fundiária da região e a tradição em criação de pequenos animais, herança da colonização europeia, favoreceram a adoção de métodos de produção baseados em contratos entre produtores e agroindústrias, semelhante ao modelo norte-americano (Zanella *et al.*, 2013). Este arranjo permitiu que o centro urbano de Chapecó e arredores se desenvolvesse em torno dos frigoríficos, transformando uma paisagem eminentemente rural em urbana, com as fábricas se destacando na paisagem.

A paisagem rural do Oeste catarinense também foi diretamente afetada pela instalação de frigoríficos nas cidades, resultando em mudanças significativas na estrutura produtiva local. A

integração vertical entre produtores e indústrias garantiu não apenas a sobrevivência econômica dos pequenos proprietários, mas também a inserção de Chapecó no mercado nacional e internacional de carne suína (Moretto e Brandt, 2019). No entanto, esse desenvolvimento trouxe consigo desafios ambientais, como a degradação florestal e a necessidade de gestão sustentável dos recursos naturais.

Chapecó, neste contexto, portanto, emergiu como um polo regional de desenvolvimento econômico e demográfico, impulsionada principalmente pela expansão das agroindústrias. Este crescimento não apenas transformou a estrutura econômica local, mas também moldou uma paisagem cultural industrial única, onde a interação entre o rural e o urbano reflete a complexa história de migração e industrialização da região (Alba e Santos, 2002). A instalação de frigoríficos e a modernização da agricultura não apenas transformaram a economia local, mas também reconfiguraram o espaço urbano, criando uma paisagem cultural industrial onde a produção e o processamento de carne se tornaram centrais (Motter e Ribeiro Filho, 2017).

A fundação da Saic e o início das atividades em 1955 representaram transformações no cenário socioeconômico de Chapecó. A cidade, e a própria região, já despontavam pelo destaque na produção agrícola e na criação de suínos. A instalação do frigorífico atraiu famílias inteiras de operários interessados em trabalhar no abate dos animais e no processamento da carne. Algumas dessas famílias já estavam instaladas em Chapecó, enquanto outras vieram de outras cidades da própria região ou dos estados do Paraná e, principalmente, do Rio Grande do Sul. A integração das agroindústrias na economia local gerou um sistema hegemônico de produção que determinou a reconfiguração das paisagens urbanas e rurais. As agroindústrias, ao estabelecerem suas operações em Chapecó, atraíram uma vasta força de trabalho do campo para a cidade, resultando em um êxodo rural significativo e na formação de novos bairros urbanos, como o Bairro Efapi, próximo a importantes indústrias como Sadia e Aurora (Alba e Santos, 2002) e o próprio Bairro Saic, aqui analisado.

A necessidade de ampliar a mão de obra levou a Saic a oferecer benefícios aos operários, como a construção de moradias nas proximidades do frigorífico. Uma pequena vila foi se formando aos poucos, o que originou, posteriormente, o Bairro Saic. A pesquisa não conseguiu localizar documentos oficiais sobre a data e a legislação específica acerca da criação do bairro. Um dos registros mais antigos é do Plano Diretor de Chapecó, publicado em 1974, no qual o Saic já é citado.

A urbanização do espaço ao redor do frigorífico provocou transformações significativas na paisagem natural, conforme detalhado por Silva (2023), que destaca como o mercado imobiliário influenciou na organização social e espacial de Chapecó, promovendo a criação de zonas

residenciais e industriais que respondiam às necessidades econômicas locais. Este processo envolveu desmatamento, desvios de cursos de água, aterramento de banhados, abertura de estradas, construção de pontes, entre outros. Esse processo comprova que:

[...] todas as paisagens são consideradas segundo um triplo significado cultural. Em primeiro lugar, elas são definidas e caracterizadas segundo a maneira pela qual determinado território é percebido. Em segundo lugar, a paisagem é um testemunho do passado do relacionamento entre os indivíduos e seu meio ambiente. Por último, a paisagem ajudaria a especificar culturas locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições [...](Ribeiro, 2009, p.51).

Para o caso específico da hidrografia de Chapecó, Passos *et al.* 2017 afirmam que desde os primórdios da urbanização, os rios desempenharam papéis cruciais como fontes de água e meios de transporte, mas também como receptores de resíduos industriais e urbanos, refletindo a lógica utilitarista das paisagens industriais.

Ademais, esse desenvolvimento econômico trouxe consigo desafios significativos, incluindo a segregação socioespacial e a perda de elementos culturais e naturais pré-existentes, como as comunidades indígenas e caboclas que foram sistematicamente marginalizadas, enquanto se fomentou a migração de populações de origem europeia, principalmente alemães, italianos e poloneses, que introduziram novas práticas agrícolas e sociais na região (Villela, 2000). Exemplo notório desse processo se deu com a criação do frigorífico Diadema em Xaxim, cidade próxima a Chapecó. Segundo Nascimento e Pegoraro (2019), a expansão urbana de Xaxim, impulsionada pela agroindústria, intensificou as desigualdades sociais, especialmente na forma de assentamentos precários como o bairro Santa Terezinha, que se desenvolveu em condições de infraestrutura insuficiente e exclusão social. Este subúrbio, criado para realocar populações marginalizadas, ilustra como as decisões de planejamento urbano podem perpetuar estigmas e desigualdades, criando divisões claras entre áreas mais desenvolvidas e aquelas que permanecem à margem do crescimento econômico. Chapecó não fugiu a esse processo, onde as indústrias atuaram como motores de transformação, redefinindo a paisagem urbana e contribuindo para a estruturação de um espaço marcado por contrastes entre áreas centrais desenvolvidas e periferias carentes (Nascimento, 2015).

A paisagem e o patrimônio cultural estão visíveis na herança dos operários que atuaram no frigorífico da Saic durante décadas. Isso se concretiza nas casas de madeira, construídas em estilo arquitetônico próprio, nas festas, na religiosidade predominantemente católica e no *ethos* do trabalho baseado na derrubada da mata visando ao cultivo de alimentos e à criação de animais de corte.

O estudo sobre a Saic resultou em diferentes conclusões. A principal delas e mais visível, claro, é a transformação da paisagem. Por meio da análise de fotografias de época, é possível notar que nos anos 1950 o cenário era formado por estradas de chão que chegavam até a portaria da empresa. Chama a atenção, ainda, os remanescentes de florestas nativas que ainda circundavam a localidade depois constituída como bairro. Aliás, as fotos mostram que boa parte da mata ainda estava presente nos fundos da edificação que, depois, seria sede de um dos frigoríficos mais conhecidos no Brasil.

A análise iconográfica destaca, ainda, a presença das primeiras casas que foram erguidas nas proximidades do frigorífico. São construções em madeira, no estilo colonial, com telhados no formato bangalô, usando como base de cobertura as telhas de barro. Evidencia-se, assim, a forte influência europeia, principalmente das etnias alemã e italiana. A utilização da madeira contrasta com a arquitetura do próprio frigorífico, construído em alvenaria, obviamente com a finalidade de obter maior durabilidade e, talvez, atender às primeiras normas sanitárias acerca do abate de animais e industrialização de carne e derivados.

Conforme já citado, as fotos mostram que nos primeiros anos as moradias situavam-se muito próximas dos portões da empresa. Depois, a provável expansão da atividade industrial obrigou a retirada das casas e a implantação de outras obras de infraestrutura, conforme é possível visualizar na fotografia aérea dos anos 1980. Essa fotografia mostra essas mudanças que incluem ainda a implantação de um campo de futebol. Nessa época, a rua Marechal Bormann seguia até o portão principal da Saic. Depois, nos anos 1990, a empresa conseguiu autorização da Prefeitura para cercar e se apropriar desse espaço para atividades industriais particulares. Uma visita in loco nos dias atuais possibilita verificar a existência de uma cerca no espaço que antes havia uma rua de uso público. A expansão de agroindústrias como a Saic não só atraiu migrantes em busca de emprego, mas também estimulou a valorização de determinadas áreas urbanas, resultando em uma segregação espacial onde áreas centrais se tornaram mais valorizadas e acessíveis principalmente a segmentos de maior renda. Essa valorização do solo urbano e a consequente especulação imobiliária refletem a lógica de uma paisagem cultural industrial, onde o mercado imobiliário atua como um agente de transformação do espaço, moldando-o de acordo com as necessidades econômicas e as forças de mercado (Silva, 2023). Decorreu desse processo a verticalização imobiliária na cidade., que pode ser vista não apenas como uma resposta ao crescimento populacional e à demanda por habitação, mas também como uma manifestação da paisagem cultural industrial de Chapecó. A cidade, que se desenvolveu em torno das agroindústrias, viu na verticalização uma oportunidade de otimizar o uso do solo urbano central

e acomodar uma população crescente, ao mesmo tempo em que refletia o dinamismo econômico trazido pela industrialização (Grosseli, 2020).

A verificação da mesma fotografia aérea denuncia que a mata existente nos fundos da empresa foi paulatinamente suprimida. As florestas de araucária, cedro, angico e outras foram substituídas por eucalipto, uma espécie exótica que até os dias atuais é largamente cultivada por empresas frigoríficas para ser usada como combustível em caldeiras. O mesmo ocorreu nos arredores. A ocupação urbana é visível com a abertura de novas estradas e com a implantação de moradias diversas, a maioria, supõe-se, erguida por funcionários da própria Saic.



Figura 2: Vista aérea da Saic nos anos 1980
Fonte: Memória Chapecó (2019).

Necessário se faz, ainda, analisar que as instalações físicas da antiga Saic fizeram (e fazem) parte do patrimônio industrial, pois:

[...] o local de produção industrial remete a algo externo (valores, ideais, imaginário funcionando como marca, pois apresenta especificidades que são construídas pelas diversas formas que é retratado, formando um imaginário multifacetado (Dezen-Kempton, 2010). Os resquícios materializados pelo monumento, pelos sítios ou pelas ruínas permitem a extração de informações que servem para a construção de sua história. Ela é parte integrante da paisagem, conformando-a tanto no seu sentido material, quanto no simbólico. Não se pode negar que ele está lá, não podendo, portanto, perdê-lo e depois encontrá-lo. O que pode acontecer é seu abandono e esquecimento. E esse é o destino das forjas, olarias e fábricas deixadas à própria sorte, que gradativamente vão se decompondo, tendendo ao desaparecimento. O patrimônio industrial integrado à paisagem cultural atua como uma forma de conservação das memórias coletivas que foram sobrepostas em diferentes momentos e contextos (Mesquita e Pierotte, 2018, p.83-84).

Depois de um longo período de crise, a Justiça Catarinense decretou a falência da empresa no ano de 2005. O parque industrial da Saic, no Bairro Saic, foi adquirido pela Coopercentral Aurora, que atualmente o utiliza para atividades relacionadas ao processamento de carnes e derivados de suínos. Grande parte da estrutura física do frigorífico foi remodelada e reconstruída. Mas outra parte permanece preservada, incluindo galpões e os silos graneleiros que foram erguidos há mais de 40 anos.



Figura 3: Vistas parciais da Aurora Alimentos na planta industrial da antiga Saic.
Fonte: Dos autores.

Considerações Finais.

O presente texto tentou discutir a importância de compreender a relação entre patrimônio cultural, paisagem cultural e industrialização, especialmente no contexto de cidades como Chapecó. A análise revelou que o patrimônio industrial não se limita a estruturas físicas e maquinários, mas abrange também o cotidiano e o legado cultural das comunidades que participaram desse processo. Em Chapecó, a transformação de um polo regional em uma cidade média reflete a interação entre o desenvolvimento industrial e a paisagem cultural, com impactos profundos na economia local e na configuração urbana.

O estudo do Bairro Saic exemplifica como as agroindústrias, especialmente os frigoríficos, moldaram não apenas a economia, mas também o tecido social e a paisagem urbana da região. A instalação dessas indústrias trouxe consigo mudanças significativas, como a urbanização acelerada, a formação de novos bairros e a reconfiguração das relações entre o campo e a cidade. No entanto, também colocou desafios, como a necessidade de gestão sustentável dos recursos naturais e a preservação das identidades culturais locais.

A metodologia adotada, que combinou discussão teórica, análise iconográfica e visitas de campo, permitiu uma compreensão aprofundada das transformações ocorridas. As fotografias históricas e as observações *in loco* proporcionaram *insights* valiosos sobre a evolução da paisagem e a influência contínua do patrimônio industrial na identidade cultural de Chapecó.

Reafirma-se aqui a importância de reconhecer e valorizar o patrimônio industrial como parte integrante da história cultural e econômica das cidades. Ele evidencia a necessidade de políticas que promovam a conservação e a valorização desses patrimônios, garantindo que as memórias coletivas e as identidades culturais sejam preservadas para as futuras gerações. Dessa forma, Chapecó serve como um exemplo de como a industrialização pode ser harmonizada com a preservação cultural, contribuindo para um desenvolvimento urbano mais inclusivo e sustentável.

Fontes visuais:

MEMÓRIA CHAPECÓ: S/A Indústria e Comércio Chapecó (Saic), popularmente conhecido como Frigorífico Chapecó, na década de 1980. Chapecó, 13 de fev. 2019. Facebook: @memoriachapeco. Fotografia. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2266825720228846&set=a.1829390267305729>. Acesso em: 16 de maio de 2025.

ZOLET, Victorino Biázio. [Vista aérea do Frigorífico Chapecó em 1957]. [1957]. 1 fotografia. Disponível em: <https://retratosdechapeco.blogspot.com/2012/10/a-chapeco-uma-das-pioneiras.html>. Acesso em: 29 maio 2025.

Referências.

- ALBA, Rosa Salete. As agroindústrias e a produção do espaço urbano de Chapecó. *Cadernos do Ceom*, ano 15, n. 14, 2001, p. 301-326.
- ALBA, Rosa Salete; SANTOS, Verence Fátima S. dos. Chapecó no contexto da migração campo/cidade. *Cadernos do Ceom*, Ano 16, n. 15, 2002, p. 312-338.
- ALVES, Luciano Adilio. Ascensão e queda de uma gigante: A crise da Chapecó Alimentos e os impactos socioeconômicos no município de Xaxim (1995-2015). 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Uffs, Chapecó, 2021.
- BESIN, Fabíola Graciele; PLEIN, Clério; BORTOLANZA, Juarez. Perfil Socioeconômico dos Titulares de Agroindústrias Familiares no Oeste do Paraná. *Revista Grifos. Unochapecó*, v.30, n.53 (2021).
- CEOLIN, M.; ALBERTON, J.; ROMANO, L.; ROMANO, F. Patrimônio industrial e instalações frigoríficas: uma revisão sistemática de literatura. *Metodologias e Aprendizado*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 247-267, 2024.
- CHAPECÓ. Planejamento a longo prazo: plano diretor urbano. [Lei nº068 de 31 de dezembro de 1974]. [Chapecó, 1974]. Documento disponível no Arquivo Público Municipal de Chapecó.
- CORAZZA, Gentil. Fronteira Sul: Traços da Formação Econômica. In: RADIN, José Carlos VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. (Org.). *História da Fronteira Sul*. Chapecó: UFFS, 2016. p. 298-317.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio Histórico e Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- GRETZLER, Cristiane. Chapecó (SC) para Além de Pólo Regional, uma cidade média no oeste catarinense. Dissertação de Mestrado em Geografia. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- GROSSELI, Carlina. O processo de verticalização da cidade de Chapecó/SC: 2010 A 2017. Dissertação de Mestrado em Geografia. Francisco Beltrão: Unioeste, 2020.
- IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acessado em 11 de abril de 2025.
- KUSBIK, Fabricio Andre; TARTAS, Rubiele Leandra. Fatores que influenciaram a implantação e desenvolvimento da agroindústria sob a ótica de Alfred Weber: o caso do oeste catarinense. *Revista Cadernos de Economia*, v.19, n. 35, 2015, p. 47-64.
- MENDES, Antonio Rosa. *O que é patrimônio cultural*. Lisboa: Gente Singular, 2012.
- MESQUITA, Zandor; PIEROTTE, Otávio. O patrimônio industrial como elemento da paisagem cultural e a paisagem cultural conformando o patrimônio industrial: uma relação conceitual. *Geosul*, [S.L.], v. 33, n. 69, p. 66-87, 28 nov. 2018.
- MORETTO, Samira Peruchi; BRANDT, Marlon. Das pequenas produções à agroindústria: suinocultura e transformações na paisagem rural em Chapecó, SC. *Revista Tempo e Argumento*, vol. 11, n. 26, 2019, p. 229-225.
- MOTTER, Crislaine; RIBEIRO FILHO, Vitor. A formação do espaço urbano de Chapecó-SC: uma análise espaço-temporal. *Espaço & Geografia*, n. 1, vol. 20, 2017, p. 201-225.
- NASCIMENTO, Éder; PEGORARO, Mirian. Espaço e tempo em Xaxim (SC): evolução urbana e desigualdades socioespaciais. *Revista Percursos*, n. 43, vol, 20, 2019, p. 315-331.
- NASCIMENTO, Éderson. A título de introdução: espaço urbano e desigualdades



- PASSOS, Manuela Gazzoni dos. FACCO, Janete; CARASEK, Fabio. Os rios na paisagem urbana: as modificações através do tempo em Chapecó, SC, Brasil. *Anais do 5 Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações*. Florianópolis: UFSC, 2018, p. 669-691.
- PICOLI, Bruno Antonio. Sono Tutti Buona Gente: a fabricação da superioridade italiana. *Cadernos do CEOM, Chapecó, SC*, v.24, n.35, p. 337-348, dez. 2011.
- RADIN, José Carlos. A indústria frigorífica no oeste catarinense e a participação dos ítalo (1940-1960). *Revista História: Debates e Tendências*, v. 19, n. 4, p. 720-744, 23 dez. 2019.
- RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem Cultural e Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.
- SCHEFFER, Sérgio Roberto. A secretaria dos negócios do oeste: uma perspectiva de desenvolvimento (1963-1969). 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.
- SILVA, Erika da. O mercado imobiliário em Chapecó/SC e Mossoró/RN: produção e consumo do espaço em cidades médias. *Tratado de Conclusão de Curso em Geografia*. Presidente Prudente: Unesp, 2023.
- socioespaciais. Marlon Brandt; Ederson Nascimento [Orgs.] *Oeste de Santa Catarina: território, ambiente e paisagem*. São Carlos: Pedro & João Editores; Chapecó, UFFS, 2015, p. 97-153.
- TONEZER, Cristiane; DO AMARAL, Marta Nichelle; MASCARELLO CERVINI, Simone Fátima; MARTINAZZO, Maria Regina. Identidade gastronômica: patrimônio imaterial do oeste catarinense. *Geógrafos, Vitória, Brasil*, n. 25, p. 238-262, 2018.
- UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em: <https://www.unesco.org/en>
- VICHNEWSKI, Henrique Telles. As indústrias Matarazzo no interior paulista: arquitetura fabril e patrimônio industrial (1920-1960). 2004. 296p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- VILLELA, Ana Laura Viana. Colonização, cultura e território: o caso de Chapecó/SC. *Cadernos do Ceom*, ano 20, n. 27, p. 159-185, 2006.
- ZANELLA, Cleunice. A verticalização da cadeia de frango da Região de Chapecó. *Revista Alcance*, Vol. 20 - n. 04, 2013, p. 533-550.